

27 SET 1985

Sarney: dívida já tem saída política

THARCISIO HOLANDA
Da Editoria de Política

"Eu estou convencido de que conseguiremos encontrar uma solução política para a dívida", disse o presidente José Sarney ao deputado Prisco Viana, líder do PDS na Câmara, com quem conviveu quando pertencia ao mesmo partido, dando sua impressão sobre os resultados do discurso que pronunciou na ONU, das repercussões e dos contatos que teve oportunidade de estabelecer.

Esta não é a opinião isolada de Sarney, produto da euforia que tomou conta da delegação brasileira em face da repercussão do discurso no plenário da ONU e principalmente nos países da América Latina. O senador Murilo Badaró, líder do PDS e da oposição no Senado, está convencido de que Sarney criou todas as condições para obter uma renegociação política da dívida externa.

Da mesma opinião partilham os deputados Prisco Viana, José Lourenço (líder do PFL), Francisco Benjamin (PFL-BA), Gastone Righi (líder do PTB) e Pimenta da Veiga (líder do PMDB). É claro que a mudança não vai ser agora, devendo se verificar dentro dos próximos três a quatro meses, de acordo com a impressão dos que acompanharam o Presidente da República na viagem a Nova Iorque.

Do deputado José Lourenço ao deputado Francisco Benjamin, do deputado Gastone Righi ao senador Murilo Badaró, todos foram unânimes em reconhecer o papel importante que o chanceler Olavo Setúbal passou a desempenhar, não na formulação da política externa, de que o Itamaraty cuida com pessoal altamente qualificado, mas no delineamento da estratégia brasileira para negociar a dívida externa.

Os políticos que acompanharam Sarney a Nova Iorque asseguram que Olavo Setúbal passou a ter influência na fixação das grandes linhas da macroeconomia brasileira. Isto corresponde ao estilo de Sarney — prestígio o empresário Dilson Funaro no Ministério da Fazenda, mas atribui papel importante a Setúbal nas grandes linhas da política econômica e, principalmente, na negociação com os nossos credores. Conversa de banqueiro para banqueiro.

MUDA A DÍVIDA

A convicção de que algo mudará em matéria de dívida externa não domina apenas a delegação brasileira. O general Vernon Walters, ex-adido militar da embaixada dos Estados Unidos no Brasil, ex-diretor adjunto da CIA (Serviço de Inteligência Norte-Americano) e atual embaixador na ONU, em conversa com o deputado Gastone Righi, mostrou-se impressionado com o pronunciamento de Sarney na ONU, manifestando sua convicção de que haverá uma negociação política em torno da dívida.

Uma circunstância serviu para valorizar o discurso equilibrado de Sarney na ONU. O presidente do Peru, Allan García, talvez falando para a política interna de seu país — hoje casti-

gada pela ofensiva guerrilheira do Sendero Luminoso —, empregou a linguagem da esquerda na década de 50, acusando o imperialismo norte-americano de ser o maior interessado na comercialização dos entorpecentes.

Segundo os depoimentos de Badaró, Prisco Viana, Gastone Righi, José Lourenço e Francisco Benjamin, o tom afirmativo e equilibrado do discurso de Sarney transformaram-no em líder natural do bloco de nações devedoras da América Latina, sem que o Presidente procurasse qualquer posição hegemônica. O presidente do Uruguai, Julio Sanguinetti, quebrou o protocolo para ouvir o discurso no lugar reservado ao chefe da delegação uruguaia.

Segundo os brasileiros, a própria delegação argentina aplaudiu as posições de Sarney, através do chanceler Dante Caputo. O resultado foi a romaria de chefes de Estado ao Hotel em que Sarney estava hospedado — do polonês, Wojciech Jaruzelski, cercado por 40 guarda-costas, ao uruguaio Julio Sanguinetti, do venezuelano Jaime Lusinchi ao chanceler soviético Chavarnadze e o secretário de Estado George Shultz.

Com uma posição firme, mas moderada, Sarney assume posição de indiscutível liderança entre os devedores do Terceiro Mundo, particularmente entre os latino-americanos. Setúbal ficou nos Estados Unidos para intensificar as conversações entre banqueiros importantes e figuras do primeiro time do Governo dos Estados Unidos.

AFASTA-SE O FMI

O deputado Francisco Benjamin atribui importância ao prestígio que o Governo brasileiro resolveu conferir ao Grupo de Cartagena (México, Colômbia, Venezuela, Argentina, Panamá e Brasil). O Grupo terá nova reunião até o fim do ano em Cartagena, com os Chanceleres. Até lá, acredita-se que as conversações entre devedores e credores tenham chegado a diferentes fórmulas de renegociação da dívida.

O deputado Gastone Righi lembrou que Sarney deixou claro que esta nova etapa de negociação retira o Fundo Monetário Internacional do primeiro para o segundo plano da grande cena. Colocar as negociações em nível político consiste em afastar o FMI, que desempenha papel de auditor técnico dos credores.

O esforço de Sarney é fazer com que o Governo dos Estados Unidos, que tem influência preponderante no FMI e junto aos banqueiros, assumam o papel importante que lhe cabe na definição de uma fórmula para resolver a crise do endividamento — que aflige os credores tanto quanto os devedores.

Benjamin, Lourenço e todos os delegados brasileiros anotaram a informação de que os banqueiros europeus já concordam em capitalizar parte dos juros da dívida. Os norte-americanos continuam resistindo não apenas a essa capitalização, mas também a qualquer "intervenção" do Governo dos Estados Unidos no problema.